

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E O PODER AEROESPACIAL BRASILEIRO

Cap.-Med. José Paulo Grillo Cabral



*É com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos.
Antoine de Saint-Exupéry, (O Pequeno Príncipe)*



O Sargento Hollenbach, ao visitar o Zoológico de Brasília, viu uma criança cair no poço das aranhas. Antes de pesar os prós e os contras, pulou no poço, salvou a criança mas acabou falecendo em consequência dos ferimentos provocados pela luta com os animais.

O que o fez ter essa reação?

Sob o ponto de vista do intelecto, pode-se dizer que o auto-sacrifício do militar foi irracional, porém, visto do coração, era a única coisa a fazer.

Cientistas indagam: porque a evolução deu à emoção um papel tão essencial na mente humana?

Emoção - "mover", em latim, mais o prefixo "e-" para denotar "afastar-se", indicando que uma tendência a uma ação está implícita em toda emoção.

Todas as emoções são, em essência, impulsos para agir; planos instantâneos para lidar com a vida que a evolução nos incutiu. A importância desse assunto para o Poder Aeroespacial está no desenvolvimento da mente humana em toda sua potencialidade, aliando ao componente racional da inteligência - já conhecido e até mensurado - um outro

conceito: a Inteligência Emocional, pressupondo os grandes avanços que poderá trazer à seleção, ao aprimoramento profissional e ao desenvolvimento da liderança militar no âmbito da Aeronáutica.

O autor da frase em epígrafe a este artigo, Cap.-Av. Antoine de Saint-Exupéry, desaparecido em missão na Segunda Guerra Mundial, já reconhecia que "voar é transportar emoções"... tristeza, alegria, raiva, paixão... emoções!!!

Para melhor entender o forte domínio das emoções sobre a mente pensante e porque o sentimento e a razão entram tão prontamente em guerra, precisamos discorrer sobre como o cérebro evoluiu.

A parte mais primitiva do cérebro é o tronco cerebral, localizado na base do crânio. Este cérebro-raiz regula funções vitais básicas, como a respiração e o metabolismo de alguns órgãos do corpo, e

também controla reações e movimentos estereotipados preestabelecidos. Ele não pensa ou aprende, é apenas um conjunto de reguladores pré-programados que mantêm o funcionamento do corpo como deve, e reage de modo a assegurar a sobrevivência.

O sistema límbico, também denominado centro das emoções, surgiu a partir daí, muitos anos antes do cérebro pensante, e trouxe duas poderosas ferramentas: aprendizado e memória. Estes avanços revolucionários possibilitavam um animal ser muito mais esperto nas opções de sobrevivência

e aprimorar suas respostas para adaptar-se às exigências cambiantes, em vez de ter reações invariáveis e automáticas. Se uma comida causava doença, podia ser evitada da próxima vez. Decisões como saber o que comer e o que rejeitar ainda eram em grande parte determinadas pelo olfato, assim como um som previamente caracterizado como perigo desencadeava de imediato uma fuga ou o preparo para o ataque.

Há cerca de 100 milhões de anos, o cérebro dos mamíferos deu um

grande salto em crescimento. Por cima do sistema límbico acrescentaram-se novas camadas de células cerebrais, formando o neocórtex, que apresenta uma extraordinária vantagem intelectual.

O neocórtex do homem, muito maior que o de qualquer outra espécie, acrescentou tudo o que é distintamente humano. Sendo a sede do pensamento, acrescenta a um sentimento o que pensamos dele, juntamente com a capacidade de criar estratégias e planejar a longo prazo.

Uma experiência realizada pela equipe do professor Joseph LeDoux, do Centro de Ciência Neural da Universidade de Nova York, ajudou a esclarecer este funcionamento. Extirparam cirurgicamente do cérebro de um ratinho de laboratório a porção relacionada com a audição. Fechado o crânio, o rato estava surdo. Podia-se submetê-lo a volumes colossais de som que nada

Para o intelecto o auto-sacrifício é irracional. Visto do coração, porém, pode ser a única coisa a fazer.



acontecera. Um fato, porém, surpreendeu os pesquisadores. Exposto a um tom específico, o rato entrou em pânico: era o mesmo som usado, quando o animal ainda escutava, para sinalizar que dali a segundos receberia um choque elétrico. Mas, como isso poderia acontecer se ele agora estava surdo?

Os cientistas passaram a suspeitar que houvesse uma outra conexão, ligando o ouvido ao centro das emoções, daí a associação entre som e pânico. E a encontraram numa estrutura do cérebro chamada amígdala, componente do sistema límbico que já vimos anteriormente.

Já se sabia que essas estruturas disparavam as emoções, mas acreditava-se que o impulso nervoso primeiro passasse pelo neocórtex. Este desligado, nenhuma emoção associada a sons deveria ser sentida pelo bicho. Descobriram então que havia uma ligação direta entre os sentidos e a amígdala mais rápida portanto. Enquanto o sinal nervoso demora mais de 25 milissegundos para causar uma resposta pelo neocórtex, a amígdala leva apenas 12... A conclusão é que a amígdala serve para reações imediatas quando o animal está ameaçado.

Estava explicado porque o rato continuava surdo, mas sensível ao tom ameaçador. O professor LeDoux reforçou a idéia na qual o cérebro dos mamíferos, o humano incluído, mantém o padrão da evolução neurológica das espécies. Assim, o pânico, a ira, ou a ansiedade são primeiramente disparadas na amígdala, estrutura já presente no cérebro dos répteis, e mantida nas espécies superiores pela sua utilidade.

Quantos de nós já não passamos por uma situação de perigo no trânsito (uma súbita freada do carro da frente, por exemplo) e só tomamos consciência da situação em frações de segundo após uma reação já ter sido desencadeada pela amígdala nos protegendo.

No passado, esses reflexos e reações desencadeados pela amígdala representavam a diferença entre a vida e morte, a luta pela

sobrevivência. No homem moderno, às vezes a amígdala leva a reações animais. O coração dispara, a boca seca, os músculos ficam retesados, o homem prepara-se para o ataque, quando presente perigo. Se o neocórtex não entra em ação, contendo o ímpeto, parte-se para a agressão, apenas por uma lembrança ameaçadora ter sido evocada.

Nossa sociedade tem muitos exemplos, em graus variados, de desequilíbrio emocional, ou de situações onde a emoção sobrepõe-se à razão. Assinalamos quatro:

IRA

Três rapazes no trânsito, sem antecedentes criminais e com reputação de serem calmos e sensatos, matam de pancada um motorista que vinha no sentido contrário ao do automóvel em que estavam, pelo simples fato de seus retrovisores haverem-se chocado.

MEDO

Os pais voltam para casa, à noite, após uma festa. Ouvem um barulho estranho no interior da residência. Sabem que sua única filha

pré-adolescente está na casa de amigas. Engano, ela já tinha retornado e, brincando com os pais, tenta assustá-los. Tomados pelo pânico, disparam um tiro fatal.

VERGONHA

Um piloto de caça, visivelmente em apuros, após executar uma manobra errada em uma demonstração aérea, não se ejeta e insiste em recuperar o avião até colidir com o solo.

ORGULHO

Um piloto comercial, após cometer um erro ao estabelecer a rota de vôo, leva sua tripulação e passageiros a um desfecho incrivelmente trágico, a despeito de haver decolado sua aeronave com os sistemas de navegação e comunicação funcionando perfeitamente e de contar com combustível

A sociedade humana apresenta muitos exemplos de situações onde a emoção sobrepõe-se a razão.



suficiente para pousar em aérodromo alternativo caso não pudesse fazê-lo no que estava previsto.

Nas situações acima e em nossas vidas, é preciso haver o domínio do racional (neocórtex) sobre o emocional (sistema límbico), para que possamos evitar, a tempo, um desastre.

Nossas emoções dominam quando enfrentamos provações e tarefas demasiado importantes para serem deixadas apenas ao intelecto: o perigo, o medo, a dor de uma perda, a raiva, a manutenção das amizades, a paixão, a persistência numa meta apesar das frustrações, etc. Cada emoção oferece uma disposição distinta para agir, sempre baseado nas experiências prévias vividas por cada um.

O próprio nome *Homo sapiens* - a espécie pensante - é enganoso à luz dessa nova visão do lugar das emoções em nossas vidas, que nos oferece hoje a ciência. Como todos sabemos, por experiência, quando se trata de modelar nossas decisões e ações, o sentimento conta exatamente o mesmo, e muitas vezes mais que o pensamento.

Fomos longe demais na ênfase ao valor e importância do puramente racional na vida humana. No certo ou errado, no melhor ou pior, um alto coeficiente de inteligência (o popular QI) nada vale quando as emoções dominam. Profissionalmente, um alto QI garante um melhor emprego, porém um alto coeficiente emocional (QE) garante as promoções.

A fórmula para o sucesso na vida repousa numa combinação bem temperada da habilidade individual, mais o coeficiente de inteligência (QI), com seu pensamento racional agudo, associados ao coeficiente emocional (QE), com sua qualidade de emoções.

Sabemos as reações que pessoas simpáticas ou alegres provocam num grupo, assim como o inverso... Portanto, as emoções são contagiosas. E mais: dar o tom emocional de uma interação é um sinal de dominação, de liderança. Num nível

profundo e íntimo, significa dirigir o estado emocional da outra pessoa, significa ter o controle de sua mente.

Lembremos do caso do policial que, disfarçado de "cameraman", aproximou-se "cara a cara" de um bandido que mantinha uma refém sob a mira de uma arma, dominando-o sem disparar um só tiro: utilizou um planejamento racional perfeito, conseguiu um domínio emocional perfeito e obteve uma economia de meios perfeita para a solução do problema. E os tímidos, inseguros ou com "pavio curto"? Como controlariam as emoções? Como podem ser carismáticos?

Carisma é definido pelo dicionário como atribuição a outrem de qualidades especiais de liderança, derivadas de sanção divina, mágica, diabólica ou apenas de individualidade excepcional. Estaríamos predestinados a um temperamento específico?

Cientistas já provaram que temperamento não é destino. Já é possível dominar, previamente, a amígdala superexcitável com as experiências certas, de forma que não ocorra no futuro uma reação errada.

Antevendo o futuro, escolas e empresas já estão preocupadas com a formação e seleção de pessoas melhor ajustadas emocionalmente. Indivíduos que, interagindo harmonicamente com o grupo, sejam capazes de não deixar que as emoções se sobreponham de forma prejudicial às ações e decisões vitais para a sobrevivência da empresa ou corporação. Enfatizando, sem qualquer sombra de dúvida, essa linha de pesquisa modificará, a médio e longo prazos, todo o comportamento humano. Resultados efetivos já estão sendo conseguidos por essas organizações, as quais também colocam a alfabetização emocional como prioridade nos seus currículos.

Alguns exemplos, frutos diretos da conscientização emocional: melhora nas aptidões cognitivas sociais, melhor autocontrole, melhor

O coeficiente emocional (QE) pode ser desenvolvido de forma a evitar que as emoções se sobreponham às decisões racionais.



planejamento para resolver tarefas, mais reflexão antes da ação, melhor tolerância à frustração, maior efetividade na solução de conflitos, menos dependência, menos ansiedade, mais otimismo, efetiva melhora na capacidade de buscar e negociar soluções para problemas, menos insegurança, menos autoritarismo, mais liderança e mais produtividade.

Vivemos atualmente a era do conhecimento, na qual aqueles que detêm o saber, conseqüentemente, detêm o poder. Seguindo as previsões para o próximo milênio, entraremos na era mental. Com a democratização do saber, o poder estará com aqueles que utilizarem a mente em todo o seu potencial, prevendo e dominando ações e reações. Não haverá lugar para ações impensadas, precipitadas, ou intempestivas. Não haverá lugar para arrependimentos.

No futuro, necessitaremos de militares cada vez mais capazes de controlar as próprias reações, nas mais diversas situações, e aptos a diagnosticar precocemente e a corrigir a tempo focos de desequilíbrio emocional, evitando conseqüências catastróficas.

Aqueles que apresentarem um alto QE terão ainda mais possibilidades de lidar com as emoções e aspirações de si próprios, de seus comandados e de suas chefias, motivando-os e se motivando, obtendo uma melhor progressão na carreira, produzindo mais num melhor ambiente de trabalho.

Teremos mais liderança em todos os segmentos, e a Aeronáutica ganhará em coesão, eficácia e força.

A Força Aérea, para estar envolvida com essa linha de pesquisa e colher os dividendos futuros, necessita constituir um grupo de trabalho, visando à incorporação aos seus currículos escolares do estudo e desenvolvimento da inteligência emocional.

A seleção e o preparo de cidadãos diferenciados evitarão que conturbações emocionais, individualmente, em sociedade ou mesmo na guerra, prejudiquem seu desempenho ou profissionalismo.

SunTzu disse: A arte da guerra é de importância vital para o Estado. É uma questão de vida ou de morte, um caminho tanto para a

segurança como para a ruína. Assim em nenhuma circunstância deve ser negligenciada.

Portanto, lembremos que, em sendo necessário combater, tenhamos sob nosso total controle todas as possíveis variáveis capazes de decidir uma guerra.

Efetivamente, a inteligência emocional é uma destas variáveis que compõe o Poder Aeroespacial Brasileiro.

Finalizando, deixamos aqui, para reflexão, um pensamento, o qual chamaremos de "Desafio de Aristóteles":

"Qualquer um pode emocionar-se (zangar-se, apaixonar-se, etc...) - isso é fácil. Mas, emocionar-se com a pessoa certa, pelo motivo certo, no momento certo, da maneira certa e com o objetivo certo... não é fácil."

BIBLIOGRÁFICA

- 1 - BRASIL. Ministério da Aeronáutica. Portaria nº R-497/GM3, de 13 de dezembro de 1989. Aprova a Diretriz Básica de Doutrina - DIDOUT 8901. Brasília, 1989.
- 2 - GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional* Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. 375 p.
- 3 - HALAL, Willian E. *The New Management*. Washington, D.C. BerretKoehier, 1996. 284 p.
- 4 - SALVADOR, Arlete. CAPRIGLIONE, Laura. Quando a Emoção é Inteligência. *Veja*, Rio de Janeiro, V.1478, n.2, p. 66-73, jan. 1997.
- 5 - SOBOTTA, Becher. *Atlas de Anatomia Humana - Tomo III*. Trad. Carlo Fattini. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1977. 352 p.
- 6 - SUN TZU. *A Arte da Guerra*. Adapt. James Clavell. Rio de Janeiro: Record, 1996. 111 p.

